

O uso de antropônimos advindos de abreviações no português do Brasil: uma análise construcional

The use of anthroponyms derived from abbreviations in Brazilian Portuguese: a constructional analysis

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves¹, Sarina Bastista Santos²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, CNPq (Brasi), Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGLEV (Brasil)

RESUMO

O texto aborda as funções dos antropônimos advindos de abreviações na forma de alfabeticismos, os quais são formados por uma sequência de letras soletradas, como em 'JK' (Juscelino Kubitschek), ['ʒɔ.te.'ke], e 'CR' (Cristiano Ronaldo), ['se.'ɛ.xl]. Os dados foram recolhidos sobretudo do X (antigo *Tweeter*), *Instagram* e *Facebook*. O *corpus* conta hoje com cerca de duzentos dados. A análise é feita com base na morfologia construcional (Booij, 2010), uma vez que entendemos tais abreviações, como quaisquer outros nomes (antropônimos, hipocorísticos, oníonimos etc.) como construções gramaticais, ou seja, como pareamentos forma-significado. Defendemos, no texto, que há uma herança por subparte (Goldberg, 1995) do prenome para sua abreviação. Defendemos a existência de um molde prosódico atuando como parte da hierarquia construcional.

PALAVRAS-CHAVE:

Morfologia. Formação de Palavras. Onomástica. Abreviação. Morfologia Construcional.

ABSTRACT

The text addresses the functions of anthroponyms arising from abbreviations in the form of alphabetisms, which are formed by a sequence of spelled letters, as in 'JK' (Juscelino Kubitschek), ['ʒɔ.te.'ke], and 'CR' (Cristiano Ronaldo), ['se.'ɛ.xl]. The data was collected mainly from X (formerly *Tweeter*), *Instagram* and *Facebook*. The corpus currently has around two hundred pieces of data. The analysis is based on Constructional Morphology (Booij, 2010), since we understand such abbreviations, like any other names (anthroponyms, hypocoristics, ononyms, etc.) as grammatical constructions, that is, as form-meaning pairings. We argue, in the text, that there is an inheritance by subpart (Goldberg, 1995) from the first name to its abbreviation. We defend the existence of a prosodic template acting as part of the constructional hierarchy.

KEYWORDS:

Morphology. Word Formation. Onomastics. Abbreviation. Constructional Morphology.

Recebido em: 20/08/2024
Aceito em: 09/12/2024

¹ E-mail: carlexandre@bol.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

² E-mail: sarinabatista16@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4780-4327>

1. Introdução

Neste texto, investigamos as funções dos antropônimos advindos de abreviações na forma de alfabetismos, os quais são formados por uma sequência de letras soletradas, como em 'JP' (João Pedro), [ʒɔ.te.'pe], e 'AP' (Ana Paula), [a.'pe]. Os dados foram recolhidos de plataformas digitais diversas, como as mídias eletrônicas (*blogs, sites* variados) e as redes sociais, sobretudo o X (antigo *Tweeter*), o *Instagram* e o *Facebook*. Uma coleta menos sistemática foi feita através de grupos de *Whats'app* dos autores, além de casos ouvidos no dia-a-dia, quer em conversas entre pessoas no transporte urbano, quer em falas espontâneas compartilhadas por nós em situações de uso real da língua. O *corpus* conta hoje com cerca de duzentos dados.

O aporte teórico é a morfologia construcional (Booij, 2010), uma vez que entendemos tais abreviações, como quaisquer outros nomes (antropônimos, hipocorísticos, oniônimos etc.) como construções gramaticais, ou seja, como pareamentos forma-significado/função. Defendemos, no texto, que há uma herança por subparte (Goldberg, 1995) do antropônimo para sua abreviação.

Pretendemos, primeiramente, visitar, nas gramáticas e nos artigos de linguistas de orientações teóricas diversas, o caráter vocabular do alfabetismo, termo originalmente cunhado para siglas soletradas, pronunciadas letra a letra, como 'CTI' (Centro de Terapia Intensiva). Em consonância com a abordagem teórica aqui utilizada, entendemos que os antropônimos abreviados funcionam como constructos da língua portuguesa, como qualquer outra palavra da língua, haja vista a existência de pareamento forma-significado/função.

Além disso, objetivamos abordar o uso contemporâneo das construções antroponímicas abreviadas, em paralelo a outras formações envolvendo antropônimos, sobretudo a hipocorização (Lima, 2014). Sendo assim, faremos, a seguir, uma revisão bibliográfica apresentando os avanços dos estudos onomásticos no Brasil e as diversas visões sobre os fenômenos da siglagem e da abreviação, recursos que favorecem a criação de alfabetismos antroponímicos. Logo após, teceremos algumas considerações do modelo em que a análise se apoia, a morfologia construcional. Por fim, procederemos à análise dos dados, representando-os por meio de esquemas e sub-esquemas, levando em conta o processo de

formação e as propriedades semântico-pragmáticas envolvidas em cada caso.

2. Brevíssimas notas sobre a Onomástica

Não é novidade que os nomes próprios são fundamentais na comunicação humana e são utilizados para identificar indivíduos, lugares e instituições, entre outras coisas. O estudo científico da onomástica busca entender como os nomes próprios são criados, como são utilizados e como são percebidos pelas pessoas em diferentes contextos e culturas.

Seabra (2000) defende que a onomástica (área da linguística que estuda os nomes próprios) está intrinsecamente ligada à cultura, história e rede social em que os nomes são utilizados, pois “usa variadas estruturas linguísticas que combinam motivação, convenção e identificação, que são um produto psíquico da história sócio-político-cultural de um povo” (Seabra, 2000, p. 18). A escolha de um nome próprio envolve uma série de fatores, como a motivação (por exemplo, o significado ou a sonoridade do nome), a convenção (o uso tradicional de determinados nomes em uma cultura) e a identificação (a relação entre o nome e a pessoa nomeada).

Em concordância com Dick (1990), o estudo dos antropônimos é importante, pois estes constituem uma forma de identificação pessoal e são socialmente reconhecidos dentro de uma comunidade de fala. Os nomes próprios são parte fundamental da cultura e da identidade de um povo, refletindo as tradições, crenças, valores e história do grupo ao qual pertencem: “são fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais” (Dick, 1990, p. 178). Mota (2013) também observa a relação entre onomástica e história, pois afirma que “o estudo de como as pessoas são chamadas e ‘tratadas’ pode desvendar importantes aspectos históricos e culturais de um povo” (Mota, 2013, p. 29).

Segundo Simões Neto e Soledade (2018), o interesse pelos nomes próprios não é recente, em se tratando da história da língua portuguesa. Os linguistas mostram que são de Jerónimo Cardoso (1562-1563) os primeiros glossários e dicionários de nomes próprios. No entanto, como observa Soledade (2020), os estudos onomásticos no Brasil têm uma história relativamente recente em comparação com outros países. O trabalho de José Leite de Vasconcelos (1928), *Antroponímia Portuguesa*, é considerado fundamental para a disciplina, pois ele foi um dos primeiros estudiosos a abordar a onomástica de forma mais sistemática e

abrangente.

Em consonância com a afirmação de Amaral e Seide (2020), “as pesquisas sobre os nomes próprios de pessoa no país, além de ser mais recente em comparação com a toponomástica, não recobrem, no contexto brasileiro, todas as áreas que têm sido desenvolvidas no exterior” (Amaral e Seide, p.14). Apesar de os nomes próprios serem objeto de interesse desde tempos mais remotos, a onomástica é um campo relativamente recente de investigação científica, pois a pesquisa sistemática começou apenas no início do século XIX, quando os pesquisadores perceberam a necessidade de estudar os nomes próprios de forma mais sistemática e rigorosa. Ao longo do tempo, a onomástica vem se desenvolvendo para entender a origem, a evolução e o uso dos nomes próprios. Alguns dos tópicos mais estudados incluem a origem desse tipo de substantivo, sua relação com a cultura, a identidade, a variação em diferentes contextos, a criação de novos nomes e sua aceitação social, entre outros.

Em resumo, a onomástica é uma disciplina que busca compreender a importância dos nomes próprios na cultura humana, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, tendo se desenvolvido como um campo interdisciplinar de estudo nas últimas décadas. É importante destacar que ainda há muito a ser explorado no campo dos nomes próprios de pessoa (antroponímia) no contexto brasileiro, pois muitas áreas que têm sido desenvolvidas no exterior ainda estão em estágio inicial no país (Soledade, 2020).

Atualmente, a onomástica é uma área de pesquisa um pouco mais consolidada no Brasil, com diversos pesquisadores e grupos de pesquisa dedicados ao estudo dos nomes próprios em diferentes contextos e áreas do conhecimento. Assim, pode-se reforçar essa afirmação com as palavras de Rodrigues e Viaro: a onomástica, “além de estar intrinsecamente ligada à linguística, também versa com os domínios da história, geografia, antropologia, sociologia, filosofia, paleografia, arqueologia, etnografia, psicologia etc.” (Rodrigues e Viaro, 2021, p. 78 e 79). A seguir, abordamos brevemente os processos de siglagem e abreviação, uma vez que a maior parte de nossos dados pode ser interpretada como um tipo de sigla, pois acessa as letras iniciais de um prenome composto. Alguns outros, no entanto, provêm de abreviações.

3. Por uma abordagem compreensiva da siglagem e da abreviação

O processo de formação de palavras por siglas é apresentado em algumas gramáticas e artigos linguísticos, em geral, como um modo de criar termos para nomear órgãos, instituições, empresas etc. O uso desse mecanismo aplica-se tanto na modalidade oral, como na modalidade escrita. Na gramática tradicional, há poucas menções a esse assunto, que, quando tratado, é descrito genericamente, como “abreviação vocabular” (Bechara, 2009), termo guarda-chuva, que acolhe vários tipos de encurtamento.

Abreu (2006), por exemplo, usa o termo siglagem para fazer referência a um processo que consiste na combinação das iniciais de um nome composto ou de uma expressão. Posteriormente, a linguista alude à diferenciação de pronúncia das siglas, em que umas são soletradas e outras pronunciadas como uma palavra “normal” da língua. Essa diferença de pronúncia das siglas recebe denominações diferentes: “acrônimos” e “alfabetismos” (Abreu, 2006, 2009). O primeiro termo serve para designar as siglas que são pronunciadas como qualquer palavra comum da língua, como ‘UPA’ (Unidade de Pronto Atendimento), cuja realização fonética é [‘u.pe], e o segundo, por sua vez, refere-se àquelas que têm a pronúncia soletrada, como, por exemplo, ‘UPP’ (Unidade de Polícia Pacificadora), realizada como [u.pe.'pe]. Na visão de Abreu e Rosa (2006), tais formações são intituladas como siglas ou acrônimos, de maneira indistinta.

Cunha e Cintra (1985), diferentemente de Bechara (2009), distinguem sigla de abreviação vocabular, sendo esta definida como uma redução de vocábulos longos, de forma que não interrompa a compreensão, e exemplificam com *auto* (automóvel), *foto* (fotografia) e *moto* (motocicleta). Tais exemplos são vistos por Rocha (1998) e Lima (2014) como casos de truncamento, processo de formação de natureza não concatenativa (nesse caso, por conta do encurtamento), como defendido desde Gonçalves (2004). Nas gramáticas (cf. Bechara, 2009), o termo abreviação também é utilizado em referência a reduções como Sr. (de ‘senhor’), Gal. (de ‘General’) e Ilmo. (de ‘Ilustríssimo’).

No nosso entendimento, não há, em encurtamentos como Mal. (de ‘Marechal’) e Dr. (de ‘doutor’), um mecanismo de formação, uma vez que essas abreviaturas não têm qualquer respaldo na fala, sendo usadas somente em textos escritos, apesar de algumas apresentarem padrão fonotático totalmente compatível ao de palavras comuns da língua. Por exemplo, seria

perfeitamente possível uma realização como ['gau], monossílabo tônico com ditongo decrescente, para a abreviação de 'general', mas isso não ocorre, o que nos possibilita afirmar que siglagem e abreviação são fenômenos distintos.

No nosso *corpus*, no entanto, observamos alguns casos que não são necessariamente siglas, uma vez que não há uma expressão correspondente: são reduções de um antropônimo simples, como DG, pronunciado [de.'ge], para 'Douglas'. Tais formas não são abreviações, como as acima listadas, pois são encontradas também na fala, equivalendo a alfabetismos, mas também não são genuinamente siglas, pois o antropônimo em questão não é composto, como 'PA', [pe.'a], de 'Paulo André'. Temos aqui, um tipo de operação que parece transitar na fronteira abreviação-siglagem.

Abreu (2009) acrescenta, ainda, a razão pela qual o falante analisa a sigla como palavra primitiva, pois, apesar de reconhecer o significado do termo, muitas vezes não consegue identificar a expressão original, a exemplo de 'IBGE' (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Lima (2014) afirma que as siglas, uma vez criadas e difundidas, passam a ter autonomia em relação ao sintagma que lhes deu origem. Considera, assim, a função lexical predominante no processo da siglagem, esclarecendo que

o distanciamento das formas de base advém da pequena relação de identidade entre a sigla e a expressão, uma vez que apenas a seqüência inicial é copiada. Em decorrência, é grande a probabilidade de o acrônimo suplantarem de vez o sintagma-base, a exemplo do que vem ocorrendo com CPF (abreviação de 'Cadastro de Pessoas Físicas'), que já não mantém qualquer relação de correspondência com a expressão que lhe deu origem. (Lima, 2014, p. 45)

Tais declarações evidenciam o caráter vocabular das siglas: equivalem a palavras comuns da nossa língua, pois, como Rocha (1998, p. 165) também afirma, "é possível produzir novos itens lexicais a partir da geração de um produto a partir de uma base já conhecida do falante".

Considerando a inovadora coleta de dados, propomos, aqui, o termo **alfabetismo antroponímico**, pois a redução pode estar associada à siglagem, como mecanismo de formação de palavras com função de denominar pessoas, mas também à abreviação,

diminuição operada com o mesmo propósito. Essas construções serão analisadas mais adiante porque, antes, precisamos abordar, ainda que brevemente, o aporte teórico utilizado.

4. Brevíssimas notas sobre a morfologia construcional

A morfologia construcional (MC) é uma abordagem inserida no âmbito da gramática de construções (Goldberg, 1995; Croft e Cruse, 2002, entre outros) cujo enfoque recai na palavra e sua estrutura morfológica, suas propriedades morfossintáticas e semânticas, seus padrões de formação, bem como nas relações paradigmáticas que as essas construções mantêm no léxico.

A MC vem sendo desenvolvida a partir de uma série de publicações do pesquisador holandês Geert Booij, cuja cronologia pode ser resumida como segue, de acordo com Tavares da Silva (2023, 309):

Compounding and derivation: evidence for construction Morphology (2005) — onde se estabelecem as bases analítico-epistemológicas da MC a partir, sobretudo, de questionamentos acerca dos limites entre derivação e composição; Construction Morphology and the Lexicon (2007) — cujo principal ponto é o papel do léxico na morfologia; Construction Morphology (2010) — livro dedicado a introduzir o paradigma da MC, retomando e aprofundando questões abordadas nos trabalhos anteriores; Morphology in Construction Grammar (2013), Word formation in construction morphology (2015), Construction Morphology (2016) e The construction of words (2017) — artigos de apresentação e divulgação do modelo; The construction of words: advances in construction morphology (2018) — livro, organizado por Booij, constituído de trabalhos em diversas frentes de pesquisa à luz da MC, tais como morfologia não-concatenativa, línguas de sinais, linguagem visual, interface entre morfologia e fonologia, dentre várias outras.

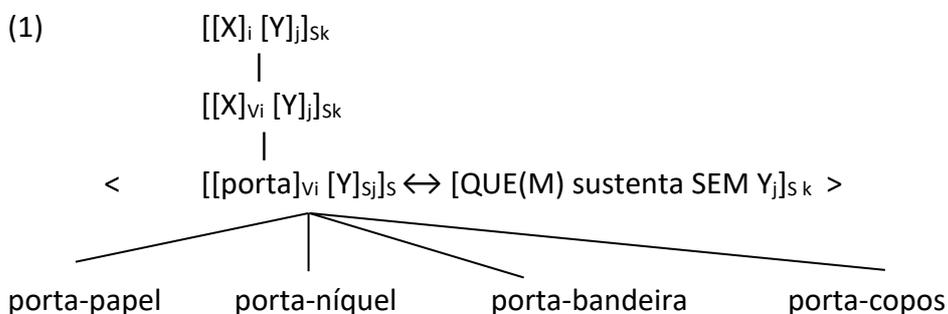
Como a morfologia é o foco do modelo, a MC constitui abordagem que, a partir da noção mais geral de construção, apresenta olhar específico para o nível da palavra. Nessa perspectiva teórica, portanto, palavras são vistas como construções, ou seja, como pareamentos de forma e significado-função (Langacker, 1987; Croft, 2001; Goldberg, 1995), em que significado-função pode reunir informações semânticas, pragmáticas, discursivas, textuais e sociais.

Construções, em geral, são caracterizadas por um conjunto de três grandes propriedades: (a) esquematicidade, (b) composicionalidade e (c) produtividade. Tais propriedades se definem, em si mesmas, pela gradiência, o que nos leva a admitir a existência

de construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2013).

A esquematicidade refere-se ao fato de a construção servir como um modelo abstrato/virtual que captura a generalidade de padrões de uso. Sob essa perspectiva, as construções morfológicas podem ser *abertas* ($[[X] [Y]]_s$), esquema genérico da composição, *parcialmente abertas* ($[[\text{porta}]_v [Y]_N]_s$), esquema da composição com a primeira base especificada como o V, verbo, na forma da P3 do Presente do Indicativo, ‘porta’) ou *preenchidas* ($[[\text{porta}]_v [\text{copos}]_s]_s$), com as duas bases plenamente especificadas, ou seja, um constructo (instanciação de fala).

O grau de esquematicidade das construções está associado às relações de hierarquia entre elas. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), quanto mais esquemática for uma construção, mais alto se situa na hierarquia de conexão com outras construções de nível inferior. Assim, quanto mais alta na hierarquia, mais abstrata a construção. Na representação em (1), a seguir, tem-se a formalização dos compostos ‘porta-X’. Observa-se que esse esquema é menos abstrato e mais especificado que os dois precedentes: o primeiro contém apenas generalizações do tipo $[X]_i$ é uma unidade lexical sem categoria (etiqueta lexical) que, combinada com $[Y]_j$, forma um substantivo; o segundo um pouco mais especificado, já dá conta de que o $[X]$ é um verbo e $[Y]$, apesar de não ser etiquetado, combina-se com esse verbo para formar substantivos. Esse esquema abriga, por exemplo, tanto ‘mata-mosquito’ (VN) quanto ‘mata-mata’ (VV). No nível inferior, temos os constructos do esquema mais especificado: $\langle [[\text{porta}]_{vi} [Y]_{sj}]_s \leftrightarrow [\text{QUE(M) sustenta SEM } Y_j]_{sk} \rangle$. Os índices i, j, k , subscritos, sinalizam que as formas fazem parte do léxico.



As construções oriundas das de nível mais alto são instâncias-*type* (subesquemas), e estas, por sua vez, são instanciadas por outras de nível inferior, as microconstruções, sendo estas manifestações efetivas (ou *tokens*) no uso da língua. Quanto mais instâncias-*type* um esquema apresentar, mais produtivo será.

5. Os alfabetismos antroponímicos: usos e representações

O uso do que estamos chamando de **alfabetismos antroponímicos** (doravante AA) corresponde à nomeação de pessoas por meio da soletração das iniciais de um nome próprio composto ou simples abreviado. Optamos por esse termo para neutralizar a fonte de onde se originam os dados: (a) uma espécie de sigla, como ‘CA’, para o antropônimo ‘Carlos Alexandre’, constituído de dois outros, ‘Carlos’ e ‘Alexandre’, ou (b) uma abreviação de um único prenome, ‘DG’, com o aproveitamento dos ataques das duas sílabas de ‘Douglas’. Independentemente da fonte, o produto é sempre um alfabetismo, pois todos os dados envolvem soletração, assim como as siglas com duas letras (LIMA, 2014), mesmo as do tipo CV, como ‘BO’ (Boletim de Ocorrência) e ‘CU’ (Centro Universitário), por exemplo.

O fenômeno não é tão novo quanto parece. Algumas formas, de tão corriqueiras, acabam suplantando o antropônimo original, como é o caso de ‘JK’, [ˈʒɔ.tɛ.ˈka], para o ex-presidente Juscelino Kubitschek, que governou o país entre os anos 1956 e 1961, e ‘FHC’, [ˈɛf.l.a.ˈga.ˈse], também ex-presidente, mas entre os anos 1995 e 2003. Acreditamos que esse recurso possa até ser mais remoto, mas resolvemos partir de uma história mais recente para entender o fenômeno. Nos dois casos, a soletração das iniciais dos nomes dos ex-presidentes evidencia que as duas construções, o nome composto e o alfabetismo, têm o mesmo propósito: fazer referência a alguém, nomeando-o (função de rotulação, nos termos de Basilio, 1987). Não há qualquer restrição para o uso da forma abreviada, que aparece em qualquer tipo de texto (formal, informal), em qualquer gênero textual, sem qualquer diferença pragmática.

Para comprovar o que estamos afirmando, utilizamos o *Corpus do Português*, que contém bilhões de palavras provenientes de dados de quatro países de língua portuguesa: Brasil, Portugal, Moçambique e Angola. Há três corpora diferentes no Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/>), mas, para os nossos objetivos, o principal é o

Web/Dialetos, que possibilita a busca de palavras ou expressões, além de afixos, em páginas da internet dos quatro países acima listados, contendo aproximadamente 50% de blogs e 50% de *sites* mais gerais. Para se ter uma ideia, na aba do WEB/DIALECTS, a diferença entre o antropônimo composto e o AA correspondente é enorme nos dois casos: as iniciais suplantam os prenomes originários e são usadas em seu lugar nos mesmos contextos de uso. Para 'JK', o programa retornou 2440 *tokens*, enquanto Juscelino Kubitschek apresentou apenas 760 ocorrências. No caso do ex-presidente Fernando Henrique, a diferença é ainda maior: 23856 dados de 'FHC' contra 2086 do nome completo.

Ao que tudo indica, os AAs foram comumente usados na identificação de nomes midiáticos, sobretudo de políticos. Esse uso talvez tenha sido motivado pelo fato de os partidos políticos brasileiros serem sempre designados através de siglas, principalmente aquelas soletradas: 'MDB', 'PT', 'PSTU' etc. A novidade logo se espalhou para nomes de famosos, sejam eles jogadores de futebol e cantores, entre outras celebridades, como participantes de *Realities Show*:

- (2) GD (Gabriel Diniz) – cantor e compositor, morto em trágico acidente aéreo.
PA (Paulo André) – atleta olímpico e participante do BBB 2022.
JJ (Jorge Jesus) – treinador e ex-futebolista português mundialmente conhecido.
JA (Jotta A) – ex-cantora trans de música cristã, agora conhecida como Ella³.
AC (Ana Carolina) – álbum da cantora e compositora Ana Carolina.

Muitos AAs vêm acompanhados do sobrenome ou de um qualificador, de modo a tornar a referência mais clara, não deixando qualquer dúvida em relação ao *designatum* (entidade referida, no caso, a personalidade a que se refere). É o que se observa nos exemplos a seguir:

- (3) PC Farias (Paulo César Farias) – empresário e político brasileiro.
PH Ganso (Paulo Henrique Ganso) – jogador brasileiro famoso no início dos anos 200.
JP Cooper (John Paul Cooper) – famoso um cantor e compositor inglês.
JP Gadêlha (João Paulo Gadêlha) – bombeiro- galã que participou d'A *Fazenda* 2020.
JP Mantovani (João Paulo Mantovani) – apresentador integrante d'A *Fazenda* 2021.
JP Rufino (João Pedro Rufino) – cantor brasileiro de rock.

³ Como a artista mudou de nome, e hoje é oficialmente registrada como Ella Viana de Holanda, não conseguimos saber a que nome JA se refere, pois, antes de transição, sempre se apresentou como Jotta A.

Alguns poucos têm três letras e fazem referência a mais de uma pessoa, como é o caso de ‘PPA’ (Pedro Paulo e André), alfabetismo usado em referência a uma dupla de cantores de música sertaneja. Alguns outros, para sinalizar bem a pessoa a que se referem, vêm acompanhados de um nome que particulariza a personalidade em questão. Tal é o caso ‘MC TH’, em que o AA é ‘TH’ ([te.a.’ga]), alfabetismo de Thiago Mercês, mais conhecido pelo nome artístico ‘MC TH’, cantor brasileiro de funk carioca, notabilizado por ser o artista do gênero com o maior cachê no país no ano de 2017, estimado em cerca de 600 mil reais mensais.

Por serem naturalmente opacos, carecendo de contexto para sua interpretação, muitos AAs são encontrados ao lado de outra palavra, geralmente um sobrenome, que possibilite acessar diretamente o referente. Tal é o caso do mais antigo AA envolvido nessa situação: ‘PC Farias’, chefe da campanha eleitoral de Fernando Collor de Mello, conhecido por seu envolvimento no escândalo de corrupção que levou ao *impeachment* de Collor e pelas circunstâncias controversas em que foi assassinado.

No entanto, o uso do sobrenome nem sempre garante acesso à celebridade em questão. Observe-se que JP é usado em referência tanto a João Pedro quanto a João Paulo, além do nome composto inglês *John Paul*, em *JP Cooper*. Mais adiante, mostraremos que JP pode ser usado também com nomes iniciados por José, o que evidencia a opacidade dos AAs.

Outro fato interessante em relação aos AAs é a possibilidade de se combinarem com números, funcionando como espécie de marca registrada de algum jogador de Futebol. Isso acontece, por exemplo, com ‘CR7’ (Cristiano Ronaldo – jogador da camisa 7 do Real Madrid) e ‘BH27’ (Bruno Henrique, jogador da camisa 27 do Flamengo).

Por fim, um nome simples pode constituir a base para a formação de um AA. Tal é o caso de ‘DG’, forma usada em referência a Douglas, Silva, ator e cantor brasileiro, vencedor do prêmio de Melhor Ator pelo Festival de Havana, já tendo recebido indicações para um Grande Otelo, um Prêmio Guarani e um *International Emmy Awards*. Nesse caso, aproveitam-se as consoantes em posição de ataque, uma vez que o prenome ‘Douglas’ tem suas sílabas: uma iniciada por D e a outra por G, formando o AA ‘DG’ ([de’ge]).

O amplo acesso às redes sociais permitiu-nos encontrar AAs em nomes de não

famosos. Dito de outra maneira, o fenômeno passou a ser usado na criação de AAs oriundos de qualquer prenome. Há um vasto conjunto de alfabetismos relativos a nomes de pessoas comuns, não conhecidas na mídia, e que possuem variadas combinações de letras, como nos exemplos a seguir, todos extraídos do *Facebook*.

- | | | |
|-----|--------------------------|------------------------------|
| (4) | MV para Marcus Vinícius | BV para Bruna Vitoria |
| | AJ para Ana Julia | JF Silva para José Francisco |
| | JM para João Mateus | JL para José Luiz |
| | MA para Maria Alice | AL para Anna Luísa |
| | VF para Virgínia Fonseca | VH para Victor Hugo |
| | LM Luís Miguel | ML para Maria Lúcia |

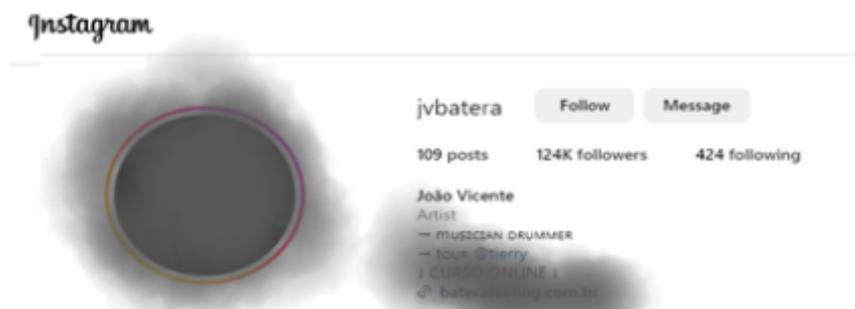
No *YouTube* e no *Instagram*, redes muito usadas para fins comerciais (venda de produtos, promoção de profissionais, p. ex.), foram encontrados AAs no próprio perfil do usuário, parte da página que contém sua foto, seu nome e uma imagem de painel:

Figura 1 – JB Filho



Fonte: <https://jbfilhoreporter.com.br>. Acesso 25 abril 2024.

Figura 2 – JV Batera

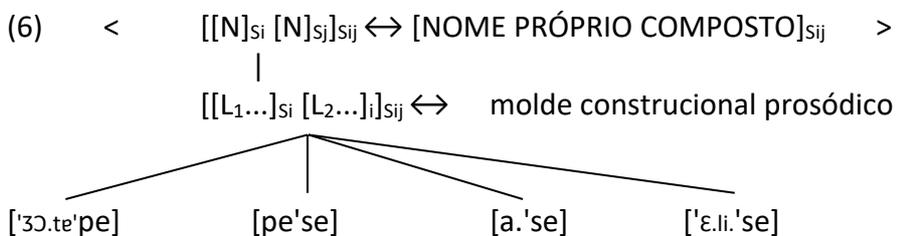


Fonte: <https://www.instagram.com/jvbatera> . Acesso 25 abril 2024.

Na mesma linha de DG, para o famoso ator Douglas Silva, muitos AAs de pessoas comuns são oriundos de nomes simples. A seguir, damos uma pequena amostra desse caso:

- (5) MT para Mateus
 MG para Miguel
 LC para Lucas
 RQ para Raquel
 CL para Célia
 BN para Bruna
 PL para Paulo
 CD para Cláudio

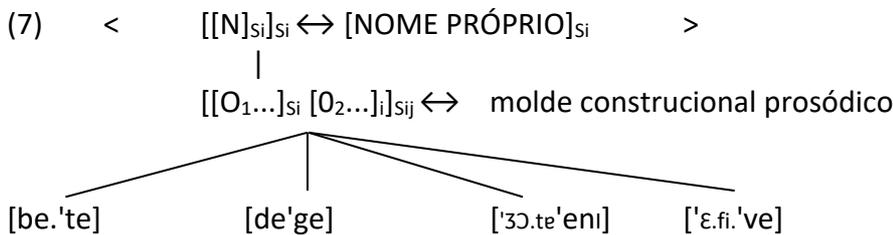
Utilizando a morfologia construcional, poderíamos pensar nos seguintes esquemas: no nó mais alto, a especificação genérica de dois nomes próprios. No nó seguinte, L1 representa a primeira letra de cada antropônimo. No nó mais baixo, as possíveis instanciações dessa combinação, como ‘Paulo César’, ‘João Pedro’ e ‘Pedro Henrique’, com destaque para as letras iniciais, que serão escandidas. Nesse ponto da análise, vemos a possibilidade de conectar a abordagem construcional com a morfologia prosódica (McCarthy, 1986), pois, como o processo é não concatenativo, podemos pensar num molde como construção que efetua o rastreamento das letras que serão soletradas, levando aos alfabetismos antroponímicos que correspondem aos constructos:



Embora os AAs resultem da atuação de um molde prosódico, aqui entendido também como esquema, as instanciações não necessariamente são específicas, uma vez que servem para quaisquer nomes compostos com tais iniciais. Por exemplo, encontramos o AA $[ʔɛ.li.'se]$ usado tanto em referência a ‘Luiz Cláudio’ quanto a ‘Laura Célia’ ou ‘Luiz César’. O mesmo vale para $[ʔɔ.tɐ'pe]$, que pode ter como *designatum* um ‘João Pedro’ ou um ‘José Pedro’, entre outras possibilidades.

No caso dos nomes simples, temos constructos que emergem de construções diferentes, mas com a mesma hierarquia construcional, excetuando-se o nó mais alto, que contém a informação

genérica de nome próprio simples. O molde prosódico contém a informação de O_1 e O_2 , pois aqui o constituinte relevante é o ataque silábico (*onset*):



Observe-se que, também aqui, embora possam ter partido de um nome específico, os AAs são opacos e servem a mais de um antropônimo. Tal é o caso de ['ɛ.fi.'ve], encontrado em referência a 'Flávio', mas também a 'Fúlvio' e a 'Flávia'. [be.'te] pode ser o encurtamento de 'Beatriz', mas também de 'Berta' ou, até mesmo do hipocorístico 'Beto'. Resumindo, AAs são caracterizados pela função de nomeação/rotulação, mas muitas vezes acabam se desvinculando do(s) nome(s) inicial(is) que os originaram, uma vez que, por constituírem minimizações de antropônimos, o pouco material fonológico pode não ser suficiente para particularizar a(s) forma(a) de base. Esse fato também é observado na hipocorização, sobretudo nos casos em que um nome é reduzido ao tamanho de uma sílaba (cf. Thami da Silva, 2013):

- (8) Rê – Renata, Regina, Rejane
 Ti – Tiago, Timóteo
 Ju – Júlia, Juliana

Em muitos AAs, sequer há possibilidade de rastreio da(s) forma(s) de base. Por exemplo, três nomes de vidraçacarias com as letras MB são encontrados numa mesma estrada (Município de Belford Roxo, RJ): 'MB Gonçalves', 'IMB' e 'SMB'. Inferimos que são lojas do mesmo dono, que altera apenas a primeira letra, talvez a inicial dos nomes dos filhos. 'MB' passa a ser vista como o nome da matriz da empresa. Obviamente, a função do AA é a de nomear estabelecimentos comerciais, funcionando, assim, como um oniônimo.

Uma forma como 'JP' pode levar a diferentes antropônimos; logo, depende do co(n)texto para seu precisar suas formas de base. Trata-se de um alfabetismo capaz de referenciar tanto o nome 'João Pedro' como 'João Paulo', ou ainda outros que apresentem essas iniciais. Podemos utilizar o mesmo raciocínio para vários outros casos, o que aproxima os AAs também dos hipocorísticos compostos (Lima, 2014): a entidade referida pode variar, uma vez que o material

sonoro é pouco para precisar rigidamente o antropônimo. Não é à toa que ‘Malu’ pode fazer referência a ‘Maria Lúcia’ ou ‘Maria Luiza’, do mesmo modo que ‘lê’ pode ser hipocorístico tanto de ‘Leandro’ quanto de ‘Alessandra’ ou ‘Lenita’, entre outros que compartilham essa sílaba CV.

Como os hipocorísticos, também os AAs podem apresentar função atitudinal, tendo em vista que têm o potencial de revelar as impressões do falante: juízos de valor, afeto, desafeto, pejoratividade. Tais valores pragmáticos estão relacionados, nos termos de Basilio (1987), à função discursiva de avaliação. Desse modo, um mesmo item, a depender do contexto real de fala, poderá ter ora uma carga afetiva, ora de repulsa. Como exemplo, observemos o uso de ‘JB’ em situações de uso entre simpatizantes do ex-presidente Jair Bolsonaro. A escolha de usar JB pode se dar por carinho, simpatia, orgulho ou outro valor positivo, como se vê na seguinte publicação no YouTube:

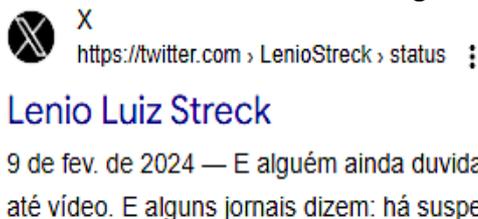
Figura 3 – JB Mito



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MmCr6ZNmdcY>. Acesso 25 abril 2024.

Por outro lado, ‘JB’ também pode ser usado, no discurso de alguém que se recusa a falar o nome do ex-presidente, dito “impronunciável”, “inominável”, como forma de referenciar essa figura polêmica o mais rápido possível, sem usar “todas as letras”, na medida em que, ao sentir repulsa pelo ex-presidente, sobrevém também o desprezo em pronunciar seu nome, como na seguinte publicação no X, hoje fora do ar no Brasil:

Figura 4 – JB golpista



Fonte: <https://x.com/LenioStreck/status/1755970941958377656>. Acesso 25 abril 2024.

Em outras situações, AAs podem servir como estratégia de organização textual, estabelecendo a coesão para, por exemplo, evitar repetições. É muito comum o uso anafórico de AAs. Casos como o de ‘GD’, nos textos jornalísticos, servem como recursos coesivos para referenciar o nome que já escrito, ‘Gabriel Diniz’, como no seguinte trecho da reportagem sobre músicos sertanejos:

- (9) “Na ocasião, Safadão cantou “Acabou, Acabou” e “Paraquedas”, que virou hit na voz de **Gabriel Diniz** com a participação da dupla Jorge e Mateus. Ao interpretar a música, o cearense parecia estar na presença de **GD** e olhava constantemente para o alto, completamente emocionado.”
<https://imprensa.spturis.com.br/saiu-na-midia/roda-gigante-patinacao-no-gelo-e-cine-iglu-sao-as-atracoes-do-festival-de-natal> . Acesso: 25 abril 2024.

Finalmente, AAs podem ser colocados no diminutivo. Nesse caso, no entanto, a construção resultante rotula o descendente da pessoa referida, funcionando com um ‘Júnior’, na nomeação de filhos. Tal é o caso de PAzinho, como se observa na seguinte matéria:

Figura 5 – PAzinho



Fonte: <https://www.meiahora.com.br/celebridades-e-tv/2022/08/6473194-pa-e-pazinho-ostentam-fofura-em-sessao-de-fotos.html#foto=112/12/2022>. Acesso: 25 abril 2024.

Essa novidade logo se espalhou pelas redes sociais, plataformas em que encontramos duas formações em que o sufixo *-zinho*, adjungido a um AA, além de indicar “pequeno”, faz referência ao filho de alguém:

- (10) **Mvzinho** – Filho de alguém chamado Marcos Vinícius (<https://twitter.com/Mvzinhoo>. Acesso 25 abril 2024)

Jvzinho – Filho de alguém chamado João Vitor
<https://www.youtube.com/channel/UC4DKMWKemfsFL7aDXffjX2w>. Acesso 25 abril 2024)

O que ocorre nos alfabetismos antroponímicos com a terminação *-zinho*, como em JPzinho, Jvzinho, Mvzinho, é o mesmo que ocorre com a sufixação existente em ‘Andrezinho’ e ‘Marcinho’, nomes próprios, que, quando combinados com (z)-*inho*, podem significar ascendência, funcionando, no nível morfológico, como meio de diferenciar o pai do filho.

6. Considerações finais

Neste artigo, propomos a existência de mais um tipo de nome próprio, pelo menos na variedade brasileira: os alfabetismos antroponímicos (AAs). Em linhas gerais, essa construção se assemelha às siglas pronunciadas letra a letra, os alfabetismos, como ‘PT’, [pe'te], para ‘Partido dos Trabalhadores’. Assim, nomes compostos constituem a principal fonte para a criação de AAs. No entanto, AAs podem ser oriundos de abreviações de nomes simples, como é o caso de ‘DG’, para ‘Douglas’. Nesse caso, as consoantes do ataque são utilizadas na (re)nomeação.

Usando a morfologia construcional, chamamos atenção para a existência de esquemas prosódicos, pois somente dessa forma conseguimos generalização para o processo. AAs, como as siglas, têm função de rotulação e alguns acabam até suplantando o nome composto original, como é o caso de ‘JK’. Por fim, mostramos avaliações positivas e negativas envolvidas no uso de AAs como ‘JB’, de Jair Bolsonaro.

Tendo em vista que AAs provêm de nomes próprios e aparecem com muita frequência na escrita, são usados, muitas vezes, como elementos de retomada anafórica em diversos tipos de texto. Por fim, esperamos que este ensaio, talvez o primeiro sobre o assunto, possa servir de base a outros, tanto na onomástica quanto na morfologia construcional.

Referências

- ABREU, Katia. de. *Focalizando a Morfologia Improdutiva: um estudo sobre siglas*. *Signum: Estudos Linguísticos*. Londrina, n. 9/2, p. 9-26, dez. 2006.
- ABREU, Katia. *Um estudo sobre as siglas do português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.
- ABREU, Katia; ROSA, Maria Carlota. Isso é uma palavra? *Revista da Abralín*, v.5, n.1 e 2, p. 113-130, 2006.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. Editora Blucher, 2020.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, EVnildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.
-

- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistic*. Cambridge: CUP (Col. Cambridge Textbooks in Linguistics), 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: CUP, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa (ILCE/UNESP)*, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: SUP, 1987.
- LIMA, Bruno Cavalcanti. *Realização fonética de acrônimos no português brasileiro: uma abordagem morfofonológica através da Teoria da Otimalidade*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- MCCARTHY John; PRINCE, Alan. *Prosodic morphology*. University of Massachusetts, Amherst, and Brandeis University MS, 1986.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1987.
- MOTA, M. A. *Formas de referência a pessoas: uma abordagem variacionista*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ROCHA, Luiz Carlos. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- RODRIGUES, Letícia Santos; VIARO, Mário Eduardo. Antroponímia brasileira: considerações sobre neologia a partir do modelo bitemático germânico. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). *Nomes próprios: abordagens linguísticas*. Salvador: EDUFBA, 2021, pp. 75-98.
- SANDMANN, António José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.
- SIMÕES NETO, Natival; SOLEDADE, Juliana. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, 2018, pp. 1295-1350.
- SOLEDADE, Juliana. Alcoolgelson, Covidson e Coronalda: prenomes de pessoas em tempos de pandemia no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 69, 2020, pp. 260-280.]
- TAVARES DA SILVA, João Carlos. Morfologia construcional. In: GONÇALVES, C. A.; TAVARES DA SILVA, J. Modelos de análise linguística e questões de interface. Campinas: Pontes, 2023, 309-340.
- THAMI DA SILVA, Hayla. *Por uma abordagem unificada da hipocorização em português: análise otimalista*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013
- TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
-